

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5839 O.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UMA SITUAÇÃO GRAVE

A Irlanda e a Inglaterra

Ou seja por ignorância, ou pelo desejo de atufar o cérebro de seus leitores, as gazetas capitalistas de Inglaterra e doutros países evitam em geral mostrar a verdadeira situação da Irlanda e as relações reais existentes entre a Irlanda e o governo da Grã-Bretanha.

O sr. Lloyd George, um esplêndido exemplar de ministro salubríssimo que, com um irlandês magistralmente desreche na sua imortal *Viagem de Gulliver*, emprega o seu grande talento de orador para enganar o público mundial, porque quando ele fala em inglês ou em Carnarvon, é mais ao público internacional que se dirige que ao público gales que o escuta.

Este exímio farfante estigmatiza a Irlanda como aliada da Alemanha, longe de se considerar sobre a desordem que reina na Irlanda e vituperar os crimes cometidos pelos irlandeses. Tudo isto, posto que parcialmente verdadeiro, é um processo de atufar os ouvidos, porque os factos são bem conhecidos e moral quando são apresentados no meio que lhes é próprio, isto é, com as suas causas no passado, com seu actual meio psicológico e outros.

Fala-se geralmente da guerra civil existente na Irlanda. Isto é uma mentira. Não há tal guerra civil. Há uma guerra nacional, uma guerra entre a Irlanda e o governo inglês, cujo procedimento aliado se exerce dum lado e a vontade do povo irlandês, do outro.

Não faço apreciações com parcialidade. O que digo é a própria verdade, provoo-o.

As eleições e a maioria na Grã-Bretanha

Desde as eleições gerais de 18 de dezembro de 1918, que deram a maioria ao governo conservador georgista, tem havido 33 eleições parciais. As circunstâncias chamadas a eleger os seus deputados contavam perto de um milhão de mil eleitores, ou seja cerca de vinte e cinco por cento do corpo eleitoral britânico. Nas 33 eleições eleitorais houve 5.000 eleitores, os restantes absteram-se. Ora 445.000 eleitores se abstiveram do governo georgista e 331.000 a seu favor. Aplicando a percentagem obida ao conjunto do corpo eleitoral britânico, constata-se que cerca de 60 % dos eleitores se pronunciaram contra o governo actual, que apesar de tudo continua a dirigir a Federação Britânica.

Esta constatação mostra mais uma vez a hipocrisia dos chamados governos democráticos do ocidente, que na realidade são governos oligárquicos, em desordem com a opinião real dos povos. Mas estas 33 eleições parciais mostram mais ainda que os eleitores britânicos são contrários à política de repressão e de violência posta em prática pelo governo do sr. Lloyd George contra a Irlanda para a manter subjugada, não se pode duvidar deste facto, visto que os 445.000 anti-georgistas das eleições parciais estavam nos trabalhistas nos liberais.

Ora, o Labour Party declara oficialmente que a sua política consiste em emitir aos irlandeses a livre disposição dos seus actos. Os liberais não vão a verdade tam longe nas suas declarações oficiais, mas a diferença é tam pequena que pode dizer-se com certeza que a Inglaterra, na Escócia, e nos ilhas de Gales são os conservadores os partidários da submissão da Irlanda ao inglês.

governo conservador inglês idêntico ao governo conservador do kaiser alemão

Estamos, pois, em presença dum terra de defesa e de conquista da Irlanda pelo povo irlandês contra um governo de predação, o da Grã-Bretanha. A situação da Irlanda é exactamente a mesma, *mutatis mutandis*, da checo-Slováquia e da Polónia durante a guerra mundial. Os dirigentes da Entente felicitavam os tchecos pelo seu combate ao governo austro-húngaro, e os mantinha subjugados, mas votavam as hegemonias dos irlandeses que os obrigavam a combater o governo britânico, que os subjugava. O branco mutuo para preto e vice-versa, conforme os interesses destes dirigentes! O sr. Lloyd George entretem-se ainda com as suas manobras sobre este facto, mas não explica com franqueza: os irlandeses, tem um inimigo, o governo britânico; os inimigos deste governo são os seus amigos, pelo que os seus aliados. Era, portanto, lógico que os irlandeses procurassem aos alemães e que estes, por seu turno, também dessem a aliança. Procedendo por esta forma, os irlandeses não eram traidores ao seu país, mas sim bons e grandes patriotas.

Roger Casement, que o sr. Asquith deu enfocar como traidor, é um irlandês, como o são todos os restantes que, pela Páscoa de 1916, tentaram libertar a Irlanda, e foram fuzilados. Se o sr. Asquith, em 1916, usasse o nome de conselheiro no *New Statesman*, a política de perdão, isto é, uma política de compreensão, a questão irlandesa não se mostraria tam aguda no presente, e o sr. Lloyd George não poderia, com uma certa dose de honra, em parte, o sr. Asquith, tornar, em parte, o sr. Asquith responsável pela extrema gravidade da situação.

As responsabilidades dos povos britânicos

Quando da guerra mundial, o povo alemão, conjuntamente com os seus dirigentes, foi alvo das mesmas censuras, porque os suportava. O mesmo se dará com os povos da Grã-Bretanha, se estes não sacudirem o jugo que sobre eles fazem pesar os conservadores à Carson e os pseudo-democratas à Lloyd George. Atenção, amigos britânicos! Sois muito queridos porque eu sou um amoroso da liberdade, por ser a liberdade o sol da terra, como o prova a evolução histórica, e porque sois no mundo os pioneiros da liberdade, em primeira linha para vós, mas também em seguida para os outros. E porque vos estimo, lastimo ter de escrever estas linhas. Contrista-me ver que abismo de lama vos atóisais na conduta de pastores, traidores à grandeza britânica. Povos da Grã-Bretanha: estais ainda a tempo de vos deter no caminho para que vos arrastais aos vossos criminosos chefes. Mas apressai-vos! Senão, será demasiado tarde, como tarde foi para o povo alemão quando em 1918 derrubou o seu governo de plutocratas.

Amigos ingleses: só tendes uma maneira de sair do oceano de lama em que vos afundais, e é adoptar a política de princípios que todos defenderam durante a guerra mundial; a livre disposição dos povos, a libertação das pequenas nacionalidades.

O fim da guerra

O' ironia das coisas! Combates contra os irlandeses! E os irlandeses combatem para realizarem os fins de guerra que em 1914 a 1918 enunciastes. E' o vosso combate que hoje fere o irlandês, e vós procurais batê-lo, matá-lo!

Um herói...

Onde se pede uma medalha para o tenente Accioli

Tem a Batalha bem visível, bem ao alto, uma frase que define a sua orientação, e, assim, quem saiba ler pode encontrar a seguir ao título: "Porta-voz da organização operária portuguesa."

A propósito dos frequentes conflitos que são a característica dominante da luta e classes, *A Batalha* marca imortalmente o seu lugar e desafiamos quem quer que seja a apontar-nos a primeira notícia intencionalmente falsa, ou mesmo em termos menos correctos.

Tudo isto vem a propósito do procedimento, que o ministro competente classificou, do tenente Accioli (?) que presta serviço actualmente na estação do Barreiro. O herói militar entendeu que a salvação da República, a regularidade dos combates e a serenidade do seu dormir dependiam da não circulação de *A Batalha*, e daí o sentir-se animado de que a sagrada indignação que levou Lutero à queima das bulas pontificiais.

O primeiro dos tropas a embarrar com este jornal foi, como noticiamos no nosso número de ontem, um capitão de infantaria 23, em serviço na estação, do qual então descobrimos a graça, mas que neste momento sabemos chamar-se Abranches.

Agora surge-nos o sr. Accioli, que, arrevesado como o seu nome, à chegada dos vendedores de jornais à estação do Barreiro, assalta-lhes o seu arguto monóculo, a presenciar a mercadoria, e aí do vendedor que transportar *A Batalha*!

Antontem aprendeu de cinco vendedores do nosso jornal a um dos vendedores, praticando ainda o grande feito de rasgar três exemplares a um outro, rapaz ainda, a quem depois esbofetou como um valente que é...

Ontem coube a vez ao menor José de Matos, de 16 anos de idade, que, quando desembarcava, viu os jornais roubados por aquele mantenedor da ordem, e dois camaradas que na noite passada aqui acompanharam o pequeno puderam admirar-lhe a face a marca dos dentes do heróico tenente.

Resumo: O tenente Accioli roubou e esbofetou uma criança, pelo facto de ser portador de alguns números de *A Batalha*.

Comentário: O sr. tenente Accioli, salvo o devido respeito, é parvo. Se o não fosse, deveria saber, 1.º que não lhe é atribuído o direito de censura; 2.º que a época dos carrascos passou; 3.º que a sua gesto... intermetem-se apenas uma característica bem definida: um imenso carácter.

Não nos prestaríamos a ser mentores de qualquer idiota, mas visto tratar-se de tam egregia pessoa permitimo-nos dar-lhe um conselho: cultive os bons dotes que é dotado, que em breve será ministro ou conselheiro, e não se deixe levar por um gesto de que a facção do garbo mancebo está a pedir... medalha.

E medalha igualmente está a pedir um outro militar ali em serviço, de nome Matias, alferes de artilharia 8, que também ontem aprendeu a outro dos nossos vendedores cinco exemplares de *A Batalha*.

A isto chegámos sob o consulado do jornalista sr. Granjo.

A República na Irlanda

Presume-se isto facilmente quando se conhece o estado actual da Irlanda. Os jornais governamentais e os outros jornais capitalistas mantêm sistemáticamente em silêncio o facto da "guerra civil", como eles dizem, se limitar à quinta parte do território da Verde Erin. Os outros quatro quintos estão em paz, não sob o governo do rei Jorge V, mas sob o governo republicano presidido pelo sr. Valera, actualmente nos Estados Unidos e substituído na Irlanda pelo sr. Arthur Griffith, o fundador da Associação dos Sinn Féin. Este governo republicano funciona regularmente, exercendo a justiça, cobrando impostos, administrando as vilas e aldeias. Todos os cidadãos irlandeses, católicos ou não, tratam em paz da sua vida, nestes quatro quintos do país, como se vivesses na Inglaterra ou na Escócia.

Só há desordens, assassinatos e incêndios onde dominam as tropas e a polícia britânicas, isto é, no Ulster, feudo do conservador Carson, e na região dos condados da costa oriental. E até dois condados do Ulster, ao oeste, são governados pela República, e vivem em paz sem que os católicos molestem os protestantes, enquanto que em Belfast e arredores, os protestantes maltratam os católicos. Os republicanos são os senhores de 29 "Country Counties" dos 33 existentes em toda a Irlanda! A lei e a ordem existem em toda a Irlanda onde os republicanos exercem as suas funções administrativas e governamentais. Onde impera o governo do rei Jorge V, há desordem e ausência de leis. Eis a verdade, verdade que a imprensa capitalista, com excepção de alguns órgãos, cala.

A República Irlandesa não está, pois, por criar, mas existe desde 1919. Tem o seu parlamento nacional, o Dail Eireann, que apesar do exército de Jorge V, reúne e delibera. Tem os seus tribunais, a sua administração das finanças, os seus conselhos comunitários. Tem o seu orçamento de despesas e receitas, a que faz face por meio de impostos. Tem a sua polícia e o seu exército. Tem o seu corpo diplomático nos principais países do mundo. Apesar de, bem entendido, os seus embaixadores não serem reconhecidos pelos governos, pois sabido é por tradição que os antigos governos não reconhecem os novos senão quando lhes é impossível procederem doutra forma. Quem possui o poder precisa de muito tempo para compreender o que é novo. Constantemente a observação dos factos prova a verdade do aforismo de Nietzsche: a detenção do poder embrutece. Até aqui, dadas as dificuldades a vencer e a luta a sustentar, a República Irlandesa não pôde ainda fazer obra de construção política e social.

Mas parece que desde que possa passar a um governo de facto — o que se dará logo que o governo britânico deixe de se mostrar tam louco como o tem demonstrado há dois anos a esta parte — a República Irlandesa orientar-se-á nitidamente para o socialismo sob a pressão da proletariado urbano e rural que é muito forte. Na guerra actual o tem demonstrado em vários episódios de luta. A boicotagem e as greves são as armas terríveis quando manejadas por centenas de milhares de produtores.

O sr. Lloyd George tem pois razão em temer uma política de ideias avançadas da República Irlandesa, mas a sua política de repressão, de força e de violência, que ele dirige sob a pressão dos cegos conservadores como Carson, não impedirá a sua realização. E para dizer a verdade, precipita-a. Do mesmo modo que a loucura das camarilhas conservadoras que governavam no reinado do rei Jorge III fizeram perder ao Reino Unido a sua magnífica colónia americana, do mesmo modo a loucura das camarilhas conservadoras imperantes no Reino Unido de Jorge V farão perder ao Reino Unido a sua ilha irmã, a Verde Erin. A Irlanda será independente. E' uma questão de meses. Quanto mais cedo isto for, menos terão que suportar os povos de Inglaterra e da Escócia a vergonha de mentira às suas declarações, há seis anos tantas vezes repetidas: dos povos pequenos ou grandes, terem direito a serem os senhores dos destinos.

Paris, Nov Embro de 1920.

Augusto Hummery

II Congresso Internacional Comunista

A questão colonial

Na sessão de 25 de Julho do Segundo Congresso da Internacional de Moscú, tomaram parte na discussão sobre as questões nacionais e coloniais vários representantes dos países do Oriente, cujas declarações vamos resumir, a título de informação.

Maring, da Malásia (Índia holandesa), disse que a propaganda socialista tinha começado no seu país há cinco anos. O capitalismo "importado" tem impedido o desenvolvimento da burguesia indigena, mas o desenvolvimento do primitivo tem ido tam longe, a ponto de desaparecer os naturais da terra e da sua pequena indústria. Dez dos quarenta mil ferroviários — o elemento mais revolucionário — estão organizados, e o Partido Socialista Revolucionário conta 1.500 aderentes, dos quais 100 são europeus.

Sultan Zadeh, da Pérsia, declarou que os camponeses persas vivem ainda sob o domínio dum verdadeiro aristocrata feudal, a qual, desde a invasão do país pelos russos, em 1912, tem vindo constantemente em querelas, que darão origem, sem dúvida, a um gigantesco levantamento social.

Roy, da Índia, afirmou que o movimento nacionalista da classe média desiste pois nada o pode interessar a não ser a reclamação "a terra para os que trabalham". Falando sobre os trabalhadores das indústrias, declarou que entre os cinco milhões, que os empregam, existia já um certo espírito associativo, que poderia servir de base a um forte partido comunista, mas que este, ao contrário do que Lénine entende, não se deve apoiar sobre o movimento democrático-burguês anti-britânico.

Lau, (China), disse que o movimento nacionalista revolucionário dirigido por estudantes, que auxiliaram os trabalhadores a organizar greves, estava progredindo por toda a China.

O distrito industrial de Shanghai é que é propriamente o centro do movimento revolucionário, existindo lá um partido socialista, que publica um diário, preconizando a união com a Rússia dos Soviéticos.

Pak (Corea) declarou que até 1914 só existia na Coreia o movimento nacionalista entre as classes nobres e a dos proprietários, mas que nos últimos 18 meses estes se tem estendido a todas as classes, porque o governo do Japão só tem contribuído para o desenvolvimento do capitalismo comercial.

A agitação na Irlanda

Uma ameaça dos irlandeses da América

LONDRES, 10. — Sir Enman Greenwood, secretário principal da Irlanda, recebeu uma carta de New York, datada de 24 de Outubro, na qual se diz que se continuarem as represálias na Irlanda a partir de 14 de Novembro, os irlandeses e os seus partidários iniciarão uma campanha de represálias contra os ingleses residentes na América.

A carta está assinada em nome da Federação das Sociedades Irlandesas da América por J. Voosner, seu presidente. — *Radio*.

O número de mortos no último trimestre

LONDRES, 10. — Números oficiais publicados pelos sinn-fainers mostram que houve nos últimos três meses, na Irlanda, 171 mortes de irlandeses. Os sinn-fainers, por seu turno, mataram 25 polícias e militares e 65 civis. — *Radio*.

AS GREVES

Ferrovários do Estado

Nota oficiosa

Apesar das declarações feitas por este Comité sobre os resultados que advirão para o país da continuação da greve, como da atitude que o pessoal será forçado a tomar ao entrar no serviço, o governo continua por completo desprezando os interesses públicos, adoptando medidas absolutamente impoliticas e falhas de praticabilidade para a solução dum conflito de tanta gravidade.

Nova chamada militar é feita aos ferroviários, querendo-os obrigar pela violência a aceitarem as imposições do governo, que utiliza a sua qualidade de militares para fazer prevalecer um critério inaceitável e absolutamente destituído de razão.

Este expediente admite o uso de todos os processos, por mais violentos que sejam, que os ferroviários possam adoptar, pois que não se trata da defesa da nacionalidade mas sim unicamente de um ataque directo à dignidade, à honra e aos interesses da classe a que esses ferroviários pertencem. Contra isto protestamos enérgicamente por ser atentatório de todos os direitos consignados pelas leis e constituição da República.

Por outro lado, surge novo convite aos ferroviários, assinado pelo tenente-coronel Raúl Esteves, para fazerem a sua apresentação ao serviço até ao dia 25 do corrente, declarando-se sem reboço, que o pessoal será substituído por outro, se o não fizer, como se fosse possível fazer ferroviários como quem faz decretos.

Uma cousa e outra saberá o pessoal mais uma vez responder dignamente, de maneira a evitar o seu esmagamento.

De toda a parte nos chegam notícias do caos e da confusão que lavra nos caminhos de ferro. Nos jornais aparecem cartas com depósitos insuspetos, de negociantes e de outras pessoas, protestando contra a situação anormal em que tudo se encontra. A direcção e o governo chegam reclamações contra a atitude de irreverência do governo, contra os roubos e contra as inexactas contidas nas notas officiais da Direcção Geral de Transportes. De toda a parte se protesta e reclama contra o prolongamento desta situação.

Como resposta a isto continua-se a afirmar sem um estrechimento de horizontes pela mentira, que os serviços se acham normalizados, que já não há greve, que as administrações não necessitam do pessoal e quejandas cousas que só o público que conhece de perto a realidade de tudo isto pode julgar.

Este Comité, que apesar de todas as acusações do governo, está animado do desejo de fazer terminar o conflito com

António Casimiro da Silva, e o correspondente de *A Batalha* em Pinhal Novo, Manuel Jesus da Silva, entregues aos tribunais militares, maneira esta de os conservarem longo tempo no cárcere, expediente que é assás repugnante, por ser extremamente covarde. Por n, além destes, muitos outros trabalhadores sem que contra eles haja qualquer acusação fundamentada, apodrecem nos ergastulos da República, como sucede com o operário tipógrafo José dos Santos, detido há 52 dias e a quem se faz a *grave* acusação, aliás não provada, de distribuir manifestos; numerosíssimos elementos ferroviários, também sob acusações inanes, e os operários José Martins Grilo, mobilário, e Onofre Silvino da Cruz, electricista, capturados em Santarém e que desde 28 do mês passado permanecem no calabouço n.º 6 do governo civil.

O primeiro destes camaradas fora aquela cidade, enviado pelo S. U. Mobilário de Lisboa, a fim de ali constituir o Sindicato desta industria, ficando impossibilitado de regressar por virtude da greve ferroviária. O segundo, de há tempos que se encontrava em Santarém no exercicio da sua profissão. Inúmeras vezes comissões do S. U. Mobilário tem reclamado a sua libertação, tanto junto do director da policia de segurança do Estado, como do ministro do interior. Pois para se avaliar da veracidade das acusações feitas a estes camaradas teve que voltar a Santarém por... não trazer testemunhas! De modo que aquelas autoridades das comissões operárias respondem nada poder fazer por cá não estar o processo.

Simplesmente revoltante!

Acaso não foi já exuberantemente demonstrada a falsidade das alegações dos *detectives* captores? Porventura a demora na *confecção* do processo em Santarém não justifica a sua falsidade? E' assim que as autoridades, com o consenso senão por indicação do governo do sr. António Granjo, tratam criaturas que tem a coragem de propagar princípios avançados, que tanto reclamam, metem a essas liberdades de pacotilha, que falando em liberdade e direitos do homem conspurcam o alto significado dessas palavras.

Que atente nisto a classe operária para na ocasião oportuna recordar tam indigno procedimento aos tiranetes de trazer por casa.

Do Comité grevista dos ferroviários do Minho e Douro recebemos a nota officiosa do dia 8 do corrente, da qual transcrevemos a parte que abaixo publicamos, não o fazendo na íntegra por absoluta falta de espaço:

Não podem os ferroviários do Estado (Minho e Douro e Sul e Sueste) retomar o trabalho nas condições que o governo deseja. Se o povo, como os sacrificado, deseja que uma normalização se opere de facto, neste ramo de actividade nacional, imite o ministro do commercio ao revogarem o decreto n.º 7014 e 7015 que alteram parte do decreto n.º 5005, de 10 de Maio de 1919, cujo decreto tem sido de Regulamento dos Serviços Ferroviários do Estado, o qual tendo sido mandado pôr em execução pelo ex-ministro sr. Jorge Nunes, espirito superior de republicano, adaptava-se e satisfazia ao regular funcionamento das mesmas linhas, embora em data oportuna carecesse de uma tenue alteração. Convm frizar mais uma vez que os referidos decretos n.º 7014 e 7015 foram burilados depois da actual greve, como represália ao pessoal, decretos estes que tem um acentuado cunho da selta malícia dos socialistas.

As violências despoticas contra o pessoal continuam, da mesma forma como a dia se vão constataando os descrenhos actos dos combóios, as atitudes nas máquinas e no material circulante de toda a espécie. Quando o pessoal voltar ao trabalho, será o público informado da quantidade e número das locomotivas, vagões inutilizados e avarados, bem como o respectivo reparo necessário à sua reparação. Tudo será minuciosamente esclarecido ao público, assim como também será informado sobre a quantidade, procedência, consignação, etc., de remessas que já mais chegarão ao seu destino. Será interessante e elucidativa essa estatística a que nos propomos!

Anteontem, arbitrariamente, prenderam os *ssos* camaradas, militantes Domingos António Lopes e Alexandre Borges, não sendo ao primeiro imputada acusação alguma sobre a sua prisão, e ao segundo arguam-no de extraviar dumas peças de locomotiva, o que não faz sentido, visto que no primeiro dia do nosso movimento toda a imprensa foi unânime em afirmar que não havia sido notado o menor acto de sabotagem. Os referidos militantes perderam os seus cabos das referidas peças e agora, quando as fayas, são os praticos. Bonito serviço!

Comquanto a União Ferroviária tenha sido encerrada, lacerada e citada pelas autoridades respectivas, tendo estas ficado a posse das chaves das diferentes salas e salas, encontram-se guardas permanentes, as mesmas autoridades parece terem substituído os ferroviários nas suas reuniões nocturnas, visto as lâmpadas encontrarem-se sempre acesas. Para este caso chamamos a atenção do governador civil do distrito, a fim de não termos que enviar, a quem de direito, o respectivo recibo de consumo da luz electrica. Cientes ficamos que a decisão determinará que tais serões sejam imediatamente suspensos, visto arder-nos a dôla

